

# O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 21.

SABBADO 25 DE AGOSTO.

1860.

## EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

### XV.

«Seis são as cousas que o Senhor aborrece, e a sua alma detesta a setima: olhos altivos, lingua mentirosa, mãos que derramam sangue innocente, coração que machina malvadisimos projectos, pés velozes para correr ao mal, testemunha falsa que profere mentiras, e o que semêa discordias entre seus irmãos.»

(Prov. de Salomão.)

O grande rei, tão celebre pela edificação desse templo, primor da arte, erguido em honra do Architecto Supremo, e que foi a primeira das maravilhas do mundo, o grande rei e ainda mais celebre pela sua divina sabedoria; entre muitos outros tão salutares Proverbios, nos legou este que acabo de ler, em que põe patente seis cousas que o Senhor aborrece, e uma que além de aborrecer, detesta.

A inspiração divina está bem manifesta nas obras do sabio Salomão; mas quando mesmo houvesse quem quizesse duvidar a celeste origem das suas maximas e dos seus preceitos, quem deixaria de enxergar a mais palpavel das verdades nisto que deixou escripto o grande tilho do rei David?

Quem não ouve bradar-lhe de sua consciencia, que é detestavel, que é abominavel—olhos altivos, lingua mentirosa, mãos que derramam sangue innocente, coração que machina malvadisimos projectos, pés velozes para correr ao mal, testemunha falsa que profere mentiras, e o que semêa discordias entre os irmãos?

Quem gosta do orgulhoso? Quem não se aborrece ao que mente? Quem não odêa ao inconstante, ao fratrecida, ao malvado, ao insolente, ao que confirma uma mentira? Quem não detesta o intrigante, o que tem o inavel costume de malquistar seus simpatizantes, de levar a discordia ao seio das famílias, e de dividir e separar irmãos, paren-

tes, amigos e conhecidos, ou mesmo estranhos?

Ninguém, por certo, pois tão hediondos são estes vicios, que mesmo o affectado de alguns delles, os detesta e abomina nos outros homens.

O homem orgulhoso não pôde supportar o orgulho de outrem; o proprio mentiroso se revolta quando por sua vez tambem o enganam; e até o intrigante de profissão fica enfurecido quando se vê victima de alguma intriga!

Pois, si isto é assim não só com o geral das pessoas, mas ainda mesmo com os cumplices destes vicios; o que não será com o Ente Todo Pureza e Perfeição, com o Todo Justiça, Todo Rectidão, com o Supremo Ser, com Deus?

Vivei, caros meninos, vivei attentos contra vicios tão execrandos; vigiae sobre vós que elles não maculem a vossa innocencia; tomae sentido contra inimigos tão degradantes.

Que a vossa consciencia nunca tenha que exprobrar-vos actos tão indignos, para que o remorso vos não consumma a paz do espirito.

O orgulhoso só tem por fructo do seu orgulho, o geral desprezo dos outros homens. O que mente não só se desacredita pelas suas mentiras, mas ainda até das suas verdades todos duvidam, e a ninguem engana elle tanto como a si mesmo, que é o unico que se illude em pensar que illude aos outros.

E todo aquelle que de algum modo prejudica ao proximo, ou busca fazer-lhe mal, é um réu cuja consciencia é a propria e a primeira a censural-o; cujos remorsos o opprimem em todo o tempo e em toda a parte.

C. Y. 20 de Junho de 1857.

## Resenha academica.

Caro leitor, não vos admireis com o que vou dizer; não serei extenso para não ser amolador, apenas quero em poucas palavras descrever certos acontecimentos academicos, que me parece deverem ficar ao alcance do publico, que por certo custará a comprehender o entrincado labutar do circulo academico. Si nos de mais annos que

ram a sorte, têm sido dignos de admiração as empresas nascidas no gremio da Academia, o que diremos deste anno, que tem-se manifestado multiforme, já religioso, politico, artistico, e litterario? Na verdade que isto necessariamente hade ter consequencias de estrondo, ou para bem ou para mal; ou significa progresso, isto é, que a mocidade está se enthusiasmando com idéas sublimes, prestando todo o seu contingente para que ellas progridam e tenham inconcussos alicerces no nosso paiz; ou então todo este formigar quer dizer regresso, desunião, fogo de palha, emfim enthusiasmos de criança que hoje gosta mais de um brinquedo porque tem uma particularidade que lhe dá no gozo, e amanha de outro porque tem tambem um certo quê que o primeiro não tem.

Seja o que for, não emitto a minha opinião, sou muito escrupuloso nisto; nada, para que hei-de fazer-me objecto de odios, quando posso dizer o que bem me parece, sem me comprometter? E' verdade que não estamos mais no tempo da Inquisição que até o pensamento queria castigar, com tudo creio que estes escrupulos da pessoa não são mal entendidos, que diz, leitor?

Emfim, nada de digressões, vamos ao fio da historia.

Fallava sobre os diversos modos com que tem-se apresentado este anno academico. Vamos ao primeiro.

Os estudantes carolas! Isto é facto novo e de pasmar! Pois então são poucas as irmandades que ha nesta santa terrinha? Que importa que sejam muitas, quantas mais melhor; mas isto de carolice... ora, não sei, não digo, é cousa que depende das convicções, nada de camizas de onze varas; o povo brasileiro é catholico apostolico romano, gosta de missas, procissões, festas de igreja e outras quejandas; é isso a sua religião de coração: por tanto albarde-se o burro á vontade do seu dono. Eu sómente digo, que boa ou má, a instituição tem boas vistas, todas fundadas em aspirações religiosas.

E que diz, leitor, á entrada dessa senhora bicipite, ou antes de caracter francez, que tem sempre nos labios risos seductores, entretanto que no coração só ha rancor? Pois olhe, ella não é para graças, introduziu-se nos rapazes que os tem posto em completo desarranjo, emfim, é um gosto vêr como se haute por aquelles corredores; o certo é que primazia, e todos querendo sempre a illudir aos marrecos. Ora se apresenta a uns

toda faceira, dizendo que sempre foi liberal, entretanto que a outros mostrando-se carrancuda, jura pelo seu deus ser sempre conservadora. Emfim, seja ou não liberal, o certo é que poem-nos a todos em movimento, em questões, puchando cada um a brasa á sua sardinha.

Mas o que significa esta visita em uma corporação destas que deve só cuidar das lettras? E' que a nossa mocidade está muito benthanista, muito amiga do venha nós; estão ainda de cociros já querem calças.

Assim rapaziada, progresso e mais progresso, pois eu sou grande amigo d'elle.

Ora vejam só como é encycopelico o estudante, para elle nunca lhe falta tempo; elle estuda, trata de irmandades, gosta do theatro, apprecia boas ceatas, vac a bailes, morre pelos cavallinhos, lê romances, compoem peças dramaticas, analysa-as, emfim é páu para toda a obra, até já publica jornal dramatico!. . . . Daqui ha pouco tenho de o vêr feito medico, militar, commerciante &c., posto que homceopatas já os hajam que já sabem applicar o seu globulosinho, não se importando que o sujeito fique reduzido tambem á expressão mais simples.

Ora falta-me fallar das sociedades litterarias e jornaes existentes. Não é de balde que o meu collega Jacob fez uma estatistica bibliographica apresentando 16 jornaes; com effeito como se escreve, como se tem cachola para tanto, e depois digam que minto, não ha como os estudantes!

Mas o meu fito é fallar das sociedades, deixemos os periodicos, deixem a juventude exercitar a penna, para quando lór occasião, salvar o paiz tambem com uma pennada.

Aposto que não sabe o leitor quantas sociedades ha? Eu lhe digo; contam-se dez, si é que não ha erro na conta. Temos o *Ensaio Philosophico*, *Atheneu Paulistano*, *Culto á Sciencia*, *Ypiranga*, *Instituto Academico*, *Brazilia*, *Amor á Sciencia*, *Club Scientifico*, *Recreio Instructivo*, e *Guaianá*! Isto tem sua explicação, assim como tudo o que existe. Tanta sociedade, tanta dedicação pelas lettras... não sei onde vai parar tanto enthusiasmo; com tal cultivo da boça *scribendi* e *loquendi* breve são todos Lamartines, Mirabeaus. Assim, assim, gosto disso; escrevam, escrevam bastante, ainda que em lugar de diamantes, saíam pedras, tudo é escrever.

Ora vejamos agrá qual o fim destas reuniões, como elle se traduz e qual a utilidad. O fim dellas é sagrado, e util, entendi como o entendem no acto de lançar os alid

ees ao edificio, no acto de collar-se a pedra inaugural da instituição; ahi os fundadores, cruzando as suas armas intellectuaes juram que a sua causa ha-de ser sempre o cultivo da sciencia; porém concluem-se as sessões preparatorias, que tratam dos estatutos, das bases, &c., vac-se tambem pouco a pouco quebrando o vigor, porque as questões em que têm de entrar são mais sérias e não proprias de todos, como são sem duvida as questões economicas, onde cada um é um Cicero. E o que acontece depois? Para que não se tenha de abolir com tanta rapidez a construcção erguida com tanto calor, meia duzia de moços sensatos e inteiramente dedicados de coração ás letras é que sustentam a sociedade, porque são os unicos que entram nas discussões scientificas, onde a falta de socios é sensível, não a sendo nas economicas.

Si, porém, não tomam este rumo, fazem dellas um ensaio para o grande mundo; fazem dellas clubs quasi politicos, onde vão se exercitando para não entrarem leigos na vida politica.

E sempre as sessões são muito frequentadas, quando se tem de tratar de questões de ordem, ou quando ha agitações, ou o *debique* que entra em tudo, mesmo nas cousas mais sérias. Além disto não ha associação alguma que a sua historia não encerre factos mesquinhos, nascidos das eleições, onde a ambição de cargos abunda, a ponto de jogarem os socos e de fazerem acções indignas de quem estuda a sciencia.

Já se vê, pois, que com a perversão do seu justo fim, desapparece tambem a sua utilidade.

Analyse-se, pois, a vida das actuaes, o que temos? Um enfraquecimento de forças por causa da sua divisão; enfraquecimento que traz a morte dellas, ou as poem em estado moribundo. O *Ypiranga* morreu do parto do portento que produziu, isto é, deixou de existir depois que nella se originou a idéa da criação do Instituto; o *Instituto* ficando ainda jovem sem as caricias maternas, vae succumbindo aos poucos; e assim todas as outras, que si vivem, é uma vida mal vivida, cheia de perturbações.

Eis, leitor, o que posso brevemente dizer das empresas academicas; sei que vou excitar os animos, muitos cahirão sobre mim, dizendo que sou um falsario, porque elles manifestam pela imprensa e com palavrões o contrario disto que vos contei; porém pouca moça me dá a zanga delles, que não se mettam com a nossa conversa; e si você quizer verificar a

verdade, vá caladinho a essas reuniões, e depois me dirá se sou ou não veridico.

Adeus, até mais ver.

Simão.

## MISERIAS DA ESERAVATURA.

(SCENAS VIRIDICAS).

(Continuado de p. 164.)

### VII.

Antonio estava diante do fazendeiro e do leitor.

Com os braços crusados, immovel o pobre negro já sabia o que lhe ia acontecer: não tinha elle experiencia quotidiana?

A principio pensou em negartudo, em sustentar em como Rosa era sua irman, porque as provas que haviam em contrario não eram tão fortes a levar a certesa o facto referido pelo creoulo; porém, depois, por uma especie de desanimo ou falta de recursos para sustentar a negativa, assentou que o melhor era confessar e soffrer, porque sabia que em todo o caso o castigo era certo.

— Negro, perguntou o Senhor:—porque é que até agora occultaste que Rosa não era tua irman?.

— Porque eu quero bem Rosa, Senhor.

— Então confessas a verdade?..

— Sim, Senhor, Rosa não é minha irman.

— Porque não declaraste isso logo que para aqui vieste?

— Porque ninguem me perguntou.

— Mas tu davas a entender isso!..

— Sim, Senhor. Ao principio ninguem me perguntou, e depois eu vi que negro não póde querer bem em terra dos brancos...

— Calla a bocca negro!..

O africano nem pestanejou. Somente via-se-lhe tremerem os cantos da bocca, e uns raios de sangue mancharem-lhe o branco dos olhos.

— E não sabes o que tu mereces por este procedimento?

— Na minha terra, meu Senhor, Rosa seria minha mulher... aqui sei que heide ir para o tronco...

— Calla-te negro!..

O africano ficou mudo, más não tremeu.

— Tu não vias que isso era um desaforo? Que o ires fazer tuas bandalheiras dentro da casa de teu Senhor merecia grande castigo?

— Não Senhor. Ninguem sabia, e eu

nunca entrei, ficava sempre de fóra, Rosa até agora é minha irman.

— Mas então como é que se soube?

O africano não respondeu. Sómente os olhos se lhe injectaram mais de sangue e o peito lhe arfou.

— Responde, negro!

— Quem descobrio merece mais castigo do que eu...

— Então quem foi?

— Aquelle!.. rugio o africano apontando para o creoulo: e dando um passo.

O creoulo estremeceu e deu tambem um passo para traz.

— E' teu inimigo?

— Ainda não, é somente de Rosa.

— Conta isso, negro!

— Uma vez fui tirar Rosa a quem *elle* (o africano não lhe queria pronunciar-lhe o nome,) tinha atirado ao chão e queria fazer mal.

— Então, meu moleque, disse o fazendeiro sorrindo-se e voltando-se ao creoulo,—tinhamos ciúmes neste negocio, cim?

O creoulo tambem sorriu meio de medo, medo de alegria, um riso *amarello*.

— Sim, Senhor, é inimigo de Rosa porque lhe quiz fazer mal, se o tivesse feito tambem seria meu e então estava morto...

— O que negro?! repete isso!..

— Sim, Senhor, se tivesse feito mal *elle* estava morto...

O fazendeiro pulou bramindo como um tigre sobre o africano, porém por mais rapido que fosse este movimento não o foi tanto como o de Antonio em se afastar para traz tres passos e tirar do bolso um canivete aberto. Um grito resoou a um tempo de todos os assistentes. Antonio, porém, avançou tres passos e entregou o canivete ao senhor.

Era uma lição...

— Agarrem-no e levem para o tronco esse patifel!...Heide fazer-lhe abaixar a cabeça!...

O creoulo foi o segundo em se chegar para atar as cordas, o primeiro tinha sido o indispensavel feitor...

Antonio estremeceu ao contacto do creoulo: as veias se lhe incharam e um rugido rouco saiu-lhe do peito.

— Bem; por hoje, disse o fazendeiro voltando-se ao feitor, hade-se-lhe applicar 200 açoutes; e Roza que se apronte para se casar com o creoulo.

Estas palavras foram um raio que fulminou o africano: um grito saiu-lhe do peito e seus braços, por um esforço desesperado,

quizeram romper as cordas. Foi, porém, inutil o esforço, e duas lagrymas correram-lhe pelas faces...

Eram lagrymas de fogo, eram duas chammas vivas que revelavam a existencia de um volcão.

Eram duas lagrymas que traduziam toda uma historia, historia de uma paixão immensa, insondavel, cortada derepente pela fatalidade... Eram duas lagrymas que, saidas de *olhos brancos* achariam um vaso, um peito onde cairem, mas de *olhos negros*... era um attestado de medo, e quando muito de raiva...

Lancemos os olhos agora para o lado da cosinha. Lá, em um lugar quasi escuro vê-se um vulto parado—immoavel que ouve tudo—que sente o coração romper-se de dor em lucta desesperada. E' Roza.

A pobre africana, ao ouvir as ultimas palavras do fazendeiro, cambaleou e foi cair inanimada a um canto da cosinha. Era tambem toda uma historia esse grito desapercebido que ella dêra, historia do coração amante—franco, dedicado...

Se fosse uma menina branca que desmaiasse, um grito de piedade seria unisono... a palavra *romantismo* iria corôar aquella queda muitas vezes comicamente mal desenhada...

Antonio escoltado pelo feitor e pelo creoulo foi levado a esse lugar que se chama—quarto do tronco.

Paremos no limiar da porta: esse instrumento que abi está vale a pena ser descripto, e a scena que vamos assistir é uma dessas que muito honra a memoria de alguns poucos fazendeiros nossos.

(Continua.)

## A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 167)

«Caiu abattido sobre uma cadeira. A desgraça começava a lhe bater ás portas. Tinha medo de adinhar o que lhe iam contar, mas a realidade não tardava. Teve impetos de abandonar aquella casa e fugir pelo mundo como um insano. Mas deteve-se: um desejo contrario dominou áquelle: quiz saber de tudo.

«Levantou-se. Diante d'elle estava parado, immoavel, o velho criado que já havia servido seu pai. A dor e a velhice estavam casadas naquelle aspecto venerando d'um homem honrado.

—Que é de meu irmão?... Que é feito de minha sogra? perguntou com voz comovida.

«O velho não lhe respondeu. Tomou-o pela mão e o conduziu ao antigo aposento do seu pai. Deixou-se levar. O velho não quizera fallar perante testemunhas.

«Então o velho lançou-se-lhe nos braços, as lagrymas corriam-lhe dos olhos, ou antes ambos choravam. Por entre soluços duas vezes repetiu o pobre velho:—Aqui morreu vosso pai vos abençoando!...

«Depois se assentaram, mas ainda ficaram silenciosos. O velho tinha medo de fallar e elle de o interrogar. Finalmente o eriado começou:—Perguntastes-me por vosso irmão, perguntastes-me por vossa sogra?... Quanto a esta santa mulher morreu de dor... porque nem ao menos teve a consolação de receber o ultimo suspiro de sua filha, vossa virtuosa esposa.

—Como é isso, velho?!—gritou levantando-se com o desespero n'alma.—Como é isso?!—Minha sogra não velou á cabeceira de sua filha, e porque? o que a impediu de receber os ultimos suspiros de sua filha?!

—Dois mezes depois da vossa partida para o Brasil, um dia ella saiu chorando desta casa para nunca mais voltar. A causa disto? Sua filha não foi, porque continuamente chamava por ella, e por vós. Quanto avossa esposa, seus ultimos instantes confiou-os ella a um sacerdote que ás escondidas a confessou.

—A's escondidas!!... Tudo lhe faltava, até a religião!! oh!...

«E o pobre homem caio sobre uma cadeira escondendo o rosto nas mãos. Quando se levantou já não era o mesmo homem que alli estivera desanimado, com o coração partido de dor, e os olhos banhados de lagrymas. As lagrymas haviam seccado: um combate mudo, mas horrivel se havia dado no seu espirito. O semblante demudado era horrivel. O olhar sombrio, fixo, parecia encherger uma idéa, segui-la, não deixa-la perder-se. De repente o seu corpo estremeceu, os cabellos se tornaram hirtos, as mãos retorcidas se levantaram em signal de ameaça, e os labios pallidos rugiram uma blasphemia e apóz a palavra vingança desprendeuse-lhe do peito com um som cavernoso, medonho, selvagem—como se saisse do inferno...

«O velho servidor ia fallar:

—Silencio!... Sómente mais duas palavras: Que é de meu irmão?

—Vendeu grande parte dos bens e disse, ao partir, que ia ter com seu irmão no Brasil.

—Bem. Como se chama o sacerdote que confessou minha mulher?

—E' o capellão da casa, o amigo de vosso pai. Não se deteve nem mais um instante. Correu á casa do sacerdote. Este abriu-lhe a porta, tomou-o pela mão e disse: Sei a que vindes: entremos para o meu quarto.

«O santo homem sabia que a ferida que lavrava naquelle coração era incuravel, que balsamo nenhum podia a refrigerar; porisso absteve-se de prestar-lhe soccorros espi-rituaes.

—Filho do meu amigo, digno filho do meu amigo! sei quanto soffreis e quanto ainda tendes que soffrer!... Não era entretanto essa a herança que vosso pai deixou: morreu certo da felicidade de seus filhos, mas.. Escutai.—Tenho algumas palavras a transmittir-vos... foram ellas ditas na hora suprema em que a creatura vai se apresentar perante seu Creador.—Uma noite, ás onze horas e um quarto o antigo servo de vosso pai bateu-me á porta e pediu-me que fosse confessar alguém que agonisava. Saimos, e com grande espanto meu, vi que entravamos em casa do vosso irmão. Quem periga aqui? perguntei-lhe assustado:—Logo o sabereis, me respondeu o velho, e pediu-me silencio. Entramos n'um aposento fracamente alumiado.—Eis aqui a doente, me disse elle, e retirou-se. Era vossa mulher. Ouvi-lhe a confissão, absolvi-a—era uma santa!—Terminada esta, quando a morte já se lhe desenhava no rosto, ella tomou-me a mão e me disse:—Meu padre—quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio dos Prazeres, e quando meu marido chegar, pesso-vos que lhe digaes que abra o meu tumulo, e sobre o meu peito achará uma carta. E' o pedido derradeiro de uma moribunda.—

«Poucos minutos depois sua alma comparecia perante Deus.

«Meia noite menos um quarto acabava de soar. Um vulto bateu á morada do vigia das sepulturas.

—Sois vós? perguntaram-lhe de dentro.

—Sim! abri depressa.

«Abriram-lhe. O visitante pagou-lhe aquelle favor e a sepultura lhe foi indicada. Era simples, sem opulencia.

—Cavai depressa, que o tempo urge!...

«O visitante crusou os braços. Não se

lhe ouvia si quer um som de vóz, um só movimento. Com os olhos fixos parecia estatua que guardava aquelle sepulchro.

«Prompto! disse o cozeiro depondo-lhe aos pés um caixão.

—Bem; agora deixae-me só.

«Abriu o caixão. O cadaver estava em completa putrefacção. O cheiro fetido que d'elle se exhalou fe-lo ter vertigens. Rasgou o sudario, e arrancou a carta que ali estava como reliquia presa ao pescoço da morta. Olhou para o cadaver, e um suspiro como um rugido saiu-lhe do peito. Com o auxilio d'uma lanterna leu a carta que mais ou menos dizia o seguinte.

«Eu vou morrer, meu cáro esposo, mas antes de descer á sepultura vou exigir de ti uma promessa sagrada. Esperei-te todas as horas, esperei-te todos os dias, esperei-te todos os mezes: e as horas, e os dias, e os mezes passaram... só tu não chegavas!... Não podia morrer sem contar-te a causa da minha morte, eu só a sei e vou revelar-ta. Minha morte é um crime, e um crime bem horrivel... Logo que partiste para o Brasil percebi que o teu mano, em vez de tratar-me com amisade sómente como irmão, começou a dar-me a entender que me amava. Assustei-me desta idéa. O tempo mostrou que não me havia illudido. Aos poucos elle foi manifestando quaes as suas intenções, eram infames!.. até que um dia m'as declarou formalmente... Repelli-o energeticamente. Tratei de escrever-te immediatamente confirmando os receios que já em outra carta eu te expuzera. Nada me respondeste, creio que minhas cartas eram interceptadas por elle.

«Muitos dias se passaram sem que elle me tornasse a fallar. Quiz acreditar que se arrependera, que pensára na enormidade do seu crime. Mas o cobarde mostrou de quanto era capaz.

«Uma noite acordei-me agitada, eram tres horas da madrugada... O infame estava no meu leito, ao meu lado... Riu-se do meu horror... Contou-me rindo-se que durante o meu somno me havia gosado, tendo-me dado antes um narcotico...

«Não tive tempo de ouvir o resto... perdi os sentidos...

«D'então por diante uma idéa me alimentou: era morrer. O infame, porém, percebeu o meu intento e tratou de obstal-o. Deus sabe as luctas vergonhosas que deu minha honra...

«Pensei na minha desgraça e a par deste pensamento surgiu o da vingança. A idéa de vingança deu-me forças para arrostar tudo até a tua volta... mas tu não vinhas!.. nem minha mãe que fora expulsa de casa porque quiz defender a sua filha!.. Sentia que ia ser mãe... e isto me horrorizou!...

«Um dia uma idéa horrivel me atravessou o espirito: quiz ser mãe. Sim!—quiz ser mãe—porque ouvia uma voz que me dizia que o meu filho me havia de vingar!...

«Dei-o a luz—esse filho do crime! alegrei-me quando soube que era homem.

«Mas a natureza venceu-me... sinto que vou morrer. Antes de perder as forças quiz escrever-te, contar-te tudo, e das bordas do tumulto pedir-te vingança!...

«E' o legado que deixa-te a esposa que te idolatrava, e á cuja execução se liga o repouso da sua alma.»

«Eis aqui, mancebo, o legado que a mulher deixou á seu marido.

«Este releu a carta, prendeu-a ao pescoço e aproximou-se do caixão. Mirou os restos nojentos daquelle corpo que tanto amára, e feixou o caixão dizendo:

«—Dorme em paz minha pobre mulher! um dia virei dizer perante o teu cadaver o que agora digo perante o inferno: Tu serás vingada!...

—E' horrivel! disse Henrique estremeendo: e esse homem cumpriu a promessa?

«—Ainda não, mas cumprirá...»

«Tinha para lembrar-lhe a promessa aquella carta—não achou bastante. Tornou a abrir o caixão, tomou o craneo da mulher, envolveu-o n'um lenço e chamou pelo cozeiro.

—Até um dia, disse-lhe elle;—ainda nos tornaremos a ver. Guarda-me bem esta sepultura—que ninguém lhe toque.—Adeus.

«O craneo da mulher nunca mais o deixou: era o grito que lhe pedia vingança, que o animava, que lhe alimentava a vida...

«Voltou para casa. Não encontrou papel algum que indicasse o rumo que havia seguido o seu irmão. Além de deshonra-leria elle commettido o crime de roubo! Tambem elle pouco se importava com a fortuna: a sua riqueza trazia elle representada naquelle craneo e naquella carta.

«Reduziu á dinheiro o que lhe restava dos bens, recompensou generosamente os criados, assegurou a subsistencia ao velho criado, e depois partiu para o Brasil.

«Chegando ao Brasil tomou os andrajos

d'um mendigo e tratou de procurar a sua presa.

«Encontrou-a. O infame era feliz! Casára-tinha uma filha que adorava—tanto mais quanto os remorsos o prendiam a ella com um amor louco... Junto delles havia um menino...

—Os seus nomes! gritou Henrique levantando-se pallido como um cadaver: os seus nomes, velho!!

—Amanhã l'os direi... e tambem o fim da historia... Amanhã Francisco Gonçalves dá a sua partida mensal: as onze horas uma escada cairá para o lado da rua: sobe por ella que te aguarda a felicidade. E levantou-se para sair.

—Mas os seus nomes, velho! gritava Henrique agarrando-lhe nas mãos.—Diz-me os seus nomes, porque eu enlouqueço!—

—Silencio! Amanhã os saberás.

O velho retirou-se, Henrique ouviu-lhe sair do peito um rugido feroz.

(Continúa.)

## MOSAICO.

Junto a Castres no departamento francez dito do Tarn existe um enorme volume de pedra, que terá 360 pés cubicos e o peso de 600 quintaes; é de fórma irregular, porém mais similhante á de um ovo aprumado sobre uma das extremidades: está postado á borda d'um grandissimo rochedo na ladeira de uma eminencia. Por mui avultada que pareça mole tamanha, saiba-se que basta simplesmente a força de um homem para lhe incutir certo movimento vibratorio; e, recebendo o primeiro balanço, o repete sensivelmente por seis ou sete vezes. Ousaram presumir alguns que este penhasco, ao qual de algum modo podemos chamar oscillatorio, foi assim posto em equilibrio sobre o que lhe serve de base por trabalho e industria humana; e accrescentaram que seria alguma das celebradas pedras druidicas, symbolo da antiga religião das Gallias em tempos barbaros. Não é o unico, que assim balança; outros se tem descoberto com a mesma e grandemente notavel circumstancia; é, porém, de todos e sem comparação o mais volumoso.

Socrates aprendeu a tocar instrumentos sendo velho.

Catão na idade de oitenta annos aprendeu a lingua grega.

Plutarco achava-se avançado em annos quando quiz aprender o latim.

João Gellida, de Valencia, tinha quarenta annos quando se entregou ao estudo das Bellas-lettas.

Henrique Spelman tornou-se a applicar ao estudo das sciencias, e com grande aproveitamento, contava então cincoenta annos de idade.

Fairfax, depois de ter commandado como general as tropas do parlamento inglez, quiz receber o gráu de doutor na universidade de Oxford.

Colbert, quasi sexagenario, recommçou os estudos de direito e de latim.

Le Tellier, sendo chancellor de França, pedia-lhe repetissem lições de logica, para fazer perguntas a seus netos.

Voltaire dizia, pouco antes da sua morte, que todos os dias apprendia.

\*\*\*

## JEREMIAS BENTHAM.

Este famoso publicista e jurisconsulto inglez, nasceu em Londres em 1747.

Depois de brilhantes estudos e d'uma retumbante estreia como advogado, renunciou ao fóro por ter uma voz fraquissima, e poz-se a estudar a fundo a legislação e jurisprudencia de seu paiz, e depois a dos paizes estrangeiros, que visitou, e cujas linguas aprendeo. A maior parte de suas obras respira um grande espirito philosophico. Occupava-se menos de as publicar do que de as compôr; era um amigo em Genebra que lh'as traduzia em francez e as publicava no continente, e assim se explica a singular circumstancia de haverem tornado muito mais conhecido o nome de Bentham em França e na America do que na Inglaterra.

Morreu este profundo jurisconsulto em 1832 na idade de 85 annos; fóra uma das suas disposições testamentarias que se lhe desceccasse o cadaver e servisse para demonstrações anatomicas.

Cumprir-se-hia tão singular desejo?

Spleen: molestia ingleza que principia pelo aborrecimento e acaba pelo suicidio.

Estupido: homem cujas faculdades intellectuaes nem se quer lembram o instinto do animal. A cabeça é luxo.

Roza: emblema da belleza, da mocidade, e da vida.

## O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

*(Continuado da pag. 168.)*SCENA 3.<sup>a</sup>*Os mesmos, menos Maria, o Conde e a Condessa.*

CONDES.—*(Ao creado)*. Assim que o sr. Visconde chegar, dize-lhe que estamos aqui. *(O creado sahe)*.

COND.—O sr. Graça aqui?

CONDES.—Com o seu inseparavel escrevente...

SIM.—*(Com affabilidade)*. Que é um dos mais humildes servos de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>...

CONDES.—Isto é devéras!

SIM.—V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> duvida?

GRA.—*(A' parte)*. Máu: pelo que vejo querem debicar comnosco.

CONDES.—Está hoje muito alegre, sr. Simões...

SIM.—Como não hei de estar alegre, si consegui o que tanto desejava: isto é, ver a sra. Viscondessa restituída aos braços de seu estimavel esposo?

CONDES.—Para o quê muito contribuíram V.<sup>as</sup> S.<sup>as</sup>, de quem esperamos tambem merecer outro favor.

SIM.—Qual é, minha senhora?

CONDES.—O de contribuir para a prisão de um louco. Quaes são os primeiros passos para isso?

SIM.—O processo é muito simples, e, si V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> quer, incumbo-me de apromptar tudo.

CONDES.—E' muita bondade, sr. Simões, e com muito gosto accitaremos o seu offerecimento.

SIM.—Sr. Graça, vá fazer o requerimento.

GRA.—Eu!

COND.—Por quem é, faça-nos este favor, sr. Graça.

SIM.—Faça o requerimento. *(Leva-o para junto de uma meza)*.

GRA.—*(Baixo)*. Não vês, pateta, que é uma nova conspiração contra o sr. Visconde?

SIM.—Peior é essa, sr. meu sogro; faça o que lhe digo e não me conte historias. *(Dobra o papel em forma de requerimento, molha a penna e lh'a entrega)*.

GRA.—*(Baixo)*. Não é com estas que has de casar com minha filha.

SIM.—Si você tivesse duas, ambas eram minhas... *(Alto)*. Vamos.

GRA.—E de quem se trata? Como se chama o doudo?

CONDES.—Escreva...

COND.—Cuidado.... Fernando póde entrar....

CONDES.—Tanto melhor, porque estou cansada desta guerra occulta.

COND.—Não seria melhor recorrer ao nosso advogado? *(Baixo)*.

CONDES.—*(Idem)*. E' um homem escrupuloso e ha de pôr mil obstaculos, em quanto que estes são dous toleirões que estão promptos a obedecer-nos cégamente. *(Alto)*. O nome do louco é—D. Fernando de Lencastre, Visconde d'Avila.

GRA.—O Visconde?

SIM.—*(Baixo)*. Isto já eu sabia.

GRA.—*(Idem)*. Como está mudado este sugueitinho!...

SIM.—Não é da sua conta, faça o requerimento. *(Idem)*.

GRA.—E' necessario tambem declarar os motivos... e que estes sejam de peso...

CONDES.—E' o que não nos falta.

SIM.—Lá isso é verdade.

CONDES.—Não reuniu elle um dia a familia inteira e não se appresentou com uma menina de baixo nascimento?...

SIM.—De muito baixo nascimento, é verdade!

CONDES.—Declarando que a escolhia por sua mulher, menospresando assim seu nome e sua gerarchia?..

SIM.—E' verdade; por signal que eu estava presente.

CONDES.—Sciente um dia dos desmandos daquella a quem não se envergonhára de dar o seu nome, encontra-a em flagrante delicto de adulterio; sendo levada ao recolhimento das mulheres infamadas como ella, não só a tirou d'ahi, como a levou ainda para sua casa, para o meio de seus amigos, para o seio de sua propria familia, para junto de donzellas, que coravam á sua vista, que deixavam as reuniões em que ella se achava, porque viam ainda em sua frente a nodoa que a maculára...

*(Continúa.)*